

EUCARISTIA: FUNDAMENTALISMO E LIBERTAÇÃO

Gerardo Custódio Lopez
gerclsx@yahoo.com.mx

RESUMO: Uma pergunta tem surgido no mundo, em relação à religião, que garante que não é mais necessário que a pessoa se sinta completa, satisfeita, realizada. E os que não acreditam na religião, em que acreditam? A cidade tem os seus “ritos e sacramentos” aos quais vão sem falta e, apesar de que a cidade tem de tudo, o ser humano parece fraco, desencantado, cético e muitas vezes sem sentido para a vida. Não vê o futuro, mas o imediato, o que está ao seu alcance, o rápido, o que é tocado e possuído, por isso renuncia a sacrificar-se por si e pelos outros. Hoje vivemos a céu aberto e, a partir daí: o que é transcendente? Como Deus é visto? Jesus viveu o seu tempo e, como ser histórico, adotou os costumes e as formas do seu meio. Sua cultura foi envolvida pela observância da Lei de Deus: o ponto crucial de seu povo. Além disso, superou o que parecia inamovível e deu um curso à história. A Eucaristia representa: a partilha, o seu compromisso pela humanidade, símbolo do novo, presença próxima, alimento que nutre os o mais profundo dos anseios humanos. Este é o mundo em que estamos, onde o ego foi explorado ao máximo, onde a história continua a se emancipar por meio da ciência e coloca em xeque muitas questões que antes eram tidas como certas. Vou tentar expressar neste estudo, um rápido olhar para aquele momento significativo em que Jesus deixou sua família naquela noite antes de dar a vida. É um fato que viveu transformações, discrepâncias e, apesar disso, segue sendo o ponto de renovação e “recriação” para transcender a evolução da história.

ABSTRACT: There is a question in the world regarding whether religion is no longer necessary for the person to feel complete, satisfied, accomplished. Those who do not believe in religion, what do they believe in? The city has its “rites and sacraments” to which everybody attends to without exception and even if the city has everything, the human being presents as weak, disenchant-ed, sceptic, and many times without meaning for life. He does not see the future, but what is in front of him, what he can reach, what comes quick, what he can touch and own; that is why he refuses to sacrifice himself, or to sacrifice himself for others. Today we live outdoors, and from that perspec-

tive, what transcends? How do we see God? Jesus lived in a place and time, and like a historical human being, he adopted the forms and customs of his environment. His culture was immersed in the observance of God's Law, something essential/crucial for the people of his time. However, he broke down what seemed immovable and gave direction to humanity. The Eucharist represents sharing, his commitment to humankind, symbol of what is new, of his close presence, food that nourishes the deepest of human desires. This is the world we live in, a world where the ego has been exploited to the maximum; where history continues to emancipate through science and in checkmate many issues that used to be considered facts. Through this study, I am going to attempt a quick view to that significant moment Jesus left his own the night before giving up his life. It is a fact that has gone through transformations, discrepancies and in spite of it all, it continues to be a point of renewal and "re-creation" to transcend the evolution of history.

1. JESUS USOU SIMBOLOS TRADICIONAIS

Jesus, na Última Ceia, usou os símbolos tradicionais da ceia judaica, para dar um novo sentido à Páscoa que estava para acontecer. Jesus transcenderá os símbolos do seu povo que por muitos anos deram significado à sua história. Ele se torna um divisor de águas, de algo novo, grandioso e que ao longo do tempo deve ser aprofundado para descobrir o real significado desse gesto de Jesus, sem estar ancorado no passado, mas vendo a realidade atual.

Os símbolos tradicionais eram: o cordeiro e o pão ázimo (Ex 12). O sacrifício de um cordeiro era o primeiro símbolo pedindo proteção, fertilidade e conservação do rebanho. Quando estavam nas suas terras, o sacrifício se oferecia no templo e o sangue era aspergido no altar. O animal, sem quebrar os ossos, era assado para comer em casa como sinal e vínculo de união.

O pão ázimo era próprio do meio agrário. Era um símbolo de agradecimento pelos frutos da terra que receberam. Além disso, recordava como Deus os alimentou no deserto. O povo guardou uma rica memória dos fatos ocorridos durante sua longa peregrinação, até chegar a uma terra de liberdade.

As duas festas judaicas se celebravam em tempos diferentes e foi mais tarde que se juntaram. A ceia era em si, a memória daquela grande intervenção de Deus ao tirá-los do Egito (Ex 2,23-25). O povo viveu sob a exploração do império egípcio por cerca de 430 anos e Deus finalmente interveio na sua libertação.

Durante a jornada a sua terra, Deus deu-lhes o maná do céu e foi amadurecendo a sua fé para prepará-los a uma aliança que ia marcar para sempre a história do povo. Deus passou a fazer parte da história deles e a Páscoa tornou-se o alimento sagrado, de modo que comer e participar da refeição pascal significava fazer parte da aliança com Deus. O lugar da celebração era normalmente em Jerusalém, mas logo veio o exílio na Babilônia (586 a 537 a. C.) e o sacrifício foi suspenso devido à destruição do templo.

Jesus toma em conta esses mesmos elementos da tradição, mas acrescenta algo novo e profundo a ela. Doravante, não haverá mais o sacrifício de cordeiros, mas Ele mesmo será o Cordeiro imolado, conforme descrito por Isaías (Is 52,13-53). Ele se converte no novo símbolo onde os seres humanos são reconciliados com Deus em uma aliança eterna. A Última Ceia com seus discípulos, Jesus não a celebra reduzindo-a a uma memória da ceia, observando as rígidas normas judaicas, mas que foi o ponto alto do ministério de Jesus, o símbolo de sua entrega.

A ceia passa a ser: ação de graças, presença, sacrifício, entrega, comunhão, aliança, libertação, perdão, aceitação dos outros como irmãos/as, serviço, festa, unidade, compromisso, alimento que nutre, partilha com ...

esta ceia prolonga e culmina o que Jesus e os apóstolos compartilharam nos três anos: comer com publicanos, prostitutas, pecadores e pessoas de má vida era um sinal de reconciliação, serviço, fraternidade, igualdade, abertura filial a Deus (BOFF, p. 103)

Comer e beber foram um meio para trazer o Reino de Deus a todos os “malditos” segundo o conceito fariseu aplicado aos analfabetos. Antes, Jesus pregava a conversão, e sua mensagem trouxe graves problemas ao grupo e, neste contexto, Ele celebrou a Ceia com os dele: “este homem acolhe os pecadores e come com

eles” (Mc 2,15-16). Esse é o seu Corpo e Sangue oferecidos como resgate por todos. “Façam isso em memória de mim”. Os discípulos assim o entenderam e essa será a sua missão a partir de agora, continuar com a prática libertadora de Jesus, o Cordeiro que dá a vida por todos, dando à ceia pascal, um sentido de plenitude para aqueles que comem e bebem dEle.

O cordeiro se converte em alimento quando é abatido. Jesus morreu pelos outros para saciar a fome e a sede, para que já não voltem a ter mais fome e sede de novo. No final da ceia, assume o lugar de um servo, o escravo, o último, da pessoa com menos direitos, antes de sair para oferecer sua própria vida. Ele é, então, o pão que dá vida, que se doa aos pobres, às viúvas, aos migrantes, aos órfãos, como na cena da multiplicação, que faz possível, que a multidão fique satisfeita e ainda sobre.

Jesus não morreu, mas foi levado à morte, o que significa que lhe foi negada a vida. A morte é resultado do pecado (AVILA, p. 46). *Este é o meu Corpo, este é o meu Sangue, entregues pela humanidade.* Não é, portanto, um rito simbólico que se repete. Jesus sofreu contradição, oposição e rejeição ao proclamar a Boa Nova (MAHONY, p. 54).

A Ceia de Jesus não está vinculada a ser celebrada no templo, nem em um lugar específico. Mais do que o templo, o ser humano é o lugar de Deus, as pedras vivas (cf. 1Pd 2,5; Jo 4,20-21) (AVILA, p. 48).

Jesus faz menção do corpo que se entrega por vocês e do sangue que se derrama ... a morte de Jesus, como de fato aconteceu, não foi uma cerimônia de culto, mas uma realidade existencial, crua e brutal, na medida em que foi nada mais nada menos, a execução de um condenado à morte. A Eucaristia se entende como o sinal que expressa a entrega incondicional, a atitude do Servo sofredor que se solidariza com todos os que sofrem e com os sofredores deste mundo (CASTELO, p. 168-169).

Os discípulos sabem que, a partir de agora, sua vida entra em um contexto de risco para estabelecer o Reino de Deus, porque as estruturas, o sistema que oprime não ficará em paz, como de fato vai acontecer com as comunidades cristãs que foram perseguidas.

Para as primeiras comunidades, a cerimônia do pão partido, estava intimamente relacionada com a partilha desse pão. A Eucaristia não significava apenas uma mera cerimônia ritual. Eles compartilharam o que possuíam de maneira que não houvesse ninguém com necessidade (At 4,34). Assim como Jesus relacionou o sentido do pão e do vinho com o ser mesmo que se doa e se oferece, o que constitui um supremo ato de entrega pelos outros. Ele foi capaz de suportar uma intensa dor em sua mente e corpo para ser credível seu testemunho e sua mensagem de que o amor de Deus exige justiça e verdade (BALASURIYA, p. 80).

A comunidade era essencialmente uma comunidade eucarística, porque excluía aqueles que tinham rompido com a comunidade pelos pecados, escândalos que corrompiam a convivência saudável. Entre esses pecados estava a ganância e a injustiça. Quem prejudicar a vida ou os bens alhos não podia ser admitido à Eucaristia. Não se permitia o atropelo de um contra o outro (CASTILLO, p. 151).

Na Última Ceia, Jesus vive aquele momento no contexto da oração, antes das refeições, rodeado pelos seus amigos, como uma família, sem ornamentos litúrgicos ou vasos sagrados. A novidade foi seu compromisso com a salvação da humanidade. No amor, Ele se ofereceu e Ele, o sacerdote, foi ao mesmo tempo a vítima (BALASURIYA, p. 22). A vítima não está ressentida, nem vai voltar para se vingar de seus verdugos. «A minha paz vos deixo, a minha paz vos dou» (Jo 20,19) «Se vos baterem, apresenta-lhe também o outro» (Mt 5,39). Jesus rompe a cadeia negativa do ódio e vingança que se transmite constantemente gerando violência e morte.

Tudo isso aconteceu fora do templo oficial. Num clima de cordialidade, estabelece a nova família de Jesus, a sua Igreja. Isso foi visto e praticado pelos discípulos quando os diferentes grupos de crentes foram formados, nas casas particulares para partir o pão. Essa nova situação era necessária para libertar o evangelho da identificação inicial que o povo fazia com a religião judaica: as perseguições, a pregação aos gentios e o contato com as ou-

tras culturas. Por causa disso, os apóstolos foram expulsos de seu território “Por que impor cargas e restrições desnecessárias aos gentios...?” Paulo dirá: “Não têm o direito de fazer que os pagãos copiem as formas judaicas” (Gl 2,11-14; At 15,10).

Por que Jesus fez uma coisa tão significativa fora do Templo? O templo era a instituição mais importante da época, com enorme renda, de onde moravam os sacerdotes e os funcionários. Um sistema de discriminação era aplicado. O templo refletia a situação do país: econômica, política e religiosamente. A fome de muitos, a corrupção de outros e um anúncio que propõe uma renovação de vida, se enfrentaram (ECHEGARAY, p. 85-88).

2. 1492: TEMPOS DIFÍCEIS

A partir do segundo milênio e depois de 800 anos de dominação árabe na península Ibérica, a celebração da Eucaristia já era muito diferente em sentido e forma. O padre era um importante funcionário, rezava em língua estrangeira, às vezes em silêncio, sem ver a assembleia, dividida em espaços diferentes, o “santo” separado dos “não santos”, ninguém podia entender o que o padre fazia porque estava de costas, como se cobrisse com o seu corpo, só havia movimentos e gestos que chamavam a atenção, tocava um sininho para alertar que os momentos culminantes estavam ocorrendo. As mulheres tinham proibido de participar ativamente das celebrações, em filas separadas, além de uma série de recomendações para elas.

Naquele tempo, houve tentativas de reformar e sair desse pesado molde. Temos, por exemplo, Erasmo de Rotterdam, que lutou contra a força da instituição para aproximar a liturgia e a Palavra de Deus do povo. Traduziu o Novo Testamento para o latim, que era uma língua mais próxima e precisa para as pessoas da Holanda e Europa. Ele notou o profundo rigorismo da espiritualidade católica. Sua pregação e trabalho foram dedicados a levar as pessoas a uma melhor compreensão das verdades da fé, mas se encontrou com a força oposta de muitos bispos do século

XVI. Os ritos angustiantes tornavam as celebrações ininteligíveis para o povo. O seu ideal consistia em fazer descobrir a Cristo para as pessoas, fazendo o Evangelho acessível a todas as pessoas e em todas as línguas possíveis (ERASMO DE RÓTERDAM)

Por sua vez, na Espanha, os reis depositam toda a sua confiança na teologia de Ginés de Sepúlveda que, em suas várias obras, afirma a guerra justa contra as terras recém-descobertas na América. Para ele, há total compatibilidade entre a arte da guerra e a religião cristã, primeiro contra os turcos, que tinham sido expulsos recentemente da Espanha, depois no novo continente do qual, dizia, os reis têm legítima posse. Ele afirmava:

Com perfeito direito os espanhóis governam sobre esses bárbaros do Novo Mundo, que em prudência, engenho, virtude e humanidade são tão inferiores aos espanhóis como as crianças aos adultos e as mulheres aos varões, ou os negros aos brancos, tendo entre eles tanta diferença como a que vai de pessoas ferozes e cruéis a pessoas mais clementes. Os habitantes da América são inumanos e não tem por que se recusar a admitir o império da Espanha (SEPÚLVEDA – LAS CASAS).

Em consonância com Ginés de Sepúlveda, Toledo declara: “Aos que nem mesmo sabem que são seres humanos, convém que sejam dadas normas de conduta social que só podem ser europeias. Qualquer outra forma de viver em sociedade é inferior e nem mesmo humano. “Sem a ajuda dos europeus, os índios não estariam em condições de viver de maneira humana e cristã”. (GUTIERREZ, p. 99-101).

Eram tempos em que a liturgia se tinha transformado excessivamente em algo individualista: devoções, novenas, indulgências, piedade religiosa, estipêndios especiais, separação da fé e vida. Todo mundo podia vir para receber o Corpo de Cristo, patrões e empregados, sem nenhuma objeção de consciência, os soldados poderiam participar e saindo poderiam ir escravizar e matar os indígenas. O sentido da Eucaristia se tinha distanciado do sentido original que Jesus lhe deu que não se importava com a exploração: ia lado a lado evangelizadores e conquistadores, igreja e imperialismo, ouro roubado manchado de sangue para enfeitar

as igrejas. A Eucaristia era uma cerimônia real em que a pregação consistia na submissão e obediência (BALASURIYA, p. 25-26).

A celebração da Eucaristia era levada pelos missionários a qualquer parte do mundo com um único modelo. O vinho para a missa devia vir da Europa. Colonizadores e colonizados ficavam na mesma mesa, enquanto o furto seguia seu curso. Os novos batizados pensavam que essa era a maneira de ser cristão. Era um sistema brutal (embora nem todos fossem dessa maneira) (BALASURIYA, p. 4). Assim, durante séculos, a Eucaristia era um espetáculo ao que se devia assistir. Os participantes vinham ver os outros, com roupas, gestos e reverências, para cumprir (HELLWIG, p. 2).

3. UMA NOVA ETAPA EMERGE: OS DOMINICANOS E BARTOLOMÉ DE LAS CASAS

Os missionários dominicanos chegaram ao continente americano, mais especificamente a Santo Domingo, na República Dominicana, desde os primeiros anos da chegada das expedições a essas terras. Eles foram testemunhas desde o início, por meio da Encomenda, a população local, que tinha sido conquistada, era distribuída entre os conquistadores e religiosos, para todos os tipos de serviço e trabalho nas suas terras. Apenas buscavam ficar ricos com o sangue daqueles miseráveis. Milhares de índios desapareceram conforme o passar do tempo (GUTIÉRREZ, 10).

Apresento dois casos do século XVI, onde o sentido da Eucaristia parece ressurgir novamente diante de um grave problema que se estava vivendo no Continente. Um dia, no quarto domingo do Advento de 1511, a comunidade dos religiosos decidiu dar uma mensagem à população durante a celebração eucarística. Para isso, eles convidaram as pessoas mais importantes da Ilha para participarem da celebração. A comunidade dominicana escolheu o Pe. Antônio de Montesinos para pregar a mensagem que seria dirigida à assembleia. Eis uma parte da homilia:

Todos estão em pecado mortal e nele vivem e morrem pela crueldade e tirania que usam contra essas pessoas inocentes. Digam, com que direito e justiça têm em tão cruel e horrível servidão a esses índios? Com que autoridade fizeram tão detestáveis guerras contra essas pessoas que estavam em suas terras mansas e pacíficas, com mortes e devastação nunca ouvidas? Como os mantêm tão oprimidos e fátigados sem alimentá-los ou curá-los das suas doenças, que dos excessivos trabalhos que lhes dão eles morrem, ou melhor dito, os matam para extrair ouro cada o dia? Não são homens com alma? Não devem amá-los como a si mesmo? Não sente isso? Tenham certeza de que nesta situação não é que eles tenham muita mais chance de se salvar do que os mouros ou turcos que carecem e não querem a fé de Jesus Cristo (GUTIÉRREZ, 29-30).

Qual foi a reação dos assistentes?

Decidem ir repreender o pregador Antônio de Montesinos e os demais, se não o punissem como homem escandaloso, semeador de doutrina nova, nunca ouvida, condenando a todos e o que havia dito contra o rei e seu senhorio, que ele tinha nessas índias, afirmando que não podiam ter aos índios (GUTIÉRREZ, p. 33).

Onde estaria a falha da comunidade, de acordo com os acusadores? A novidade não era outra, mas afirmar que “matar essas pessoas é mais pecado do que matar percevejos”. Foi isso que scandalizou a presente assembleia (GUTIÉRREZ, p. 34). A comunidade religiosa tinha plena consciência de que ir à missa e oprimir as pessoas não eram duas coisas completamente diferentes. A Eucaristia é fonte de salvação e não de morte.

A raiz deste acontecimento que manifestava que a Ceia do Senhor não pode ser reduzida a um simples rito, mas é uma fonte de conversão e de nova vida, poucos anos depois, encontramos outro fato importante, onde a própria celebração provocou enormes mudanças em algumas pessoas a favor da justiça.

Bartolomeu de las Casas era um missionário que tinha vindo às Índias em busca de fortuna. Ele foi convidado a fazer uma celebração, como era costume, para alguns crentes. Ele chegou a saber da mensagem dirigida pelos dominicanos aos patrões das fazendas. Ele, então, estava preparando uma homilia para tal celebração quando a passagem da leitura foi o seguinte:

Dar a Deus uma coisa mal adquirida é uma oferta suja; nem são aceitos os dons dos malvados; O Altíssimo não aceita as ofertas dos ímpios, nem pelos muitos sacrifícios lhes perdoa seus pecados; quem tira aos pobres para oferecer um sacrifício é como sacrificar um filho diante de seu pai. O pão da esmola é a vida do pobre; quem o tira dele é um assassino; mata a seu próximo quem lhe tira os meios para sobreviver, quem não paga o salário justo derrama sangue (Eclo 34,18-22).

Bartolomeu simplesmente não conseguiu dizer essa missa. Desde então, a primeira coisa que fez foi libertar seus serventes que lhe foram outorgados para o trabalho e serviço de suas terras. Foi o início de uma mudança e de uma vida nova. Ele chegou a compreender a relação profunda que há entre a Eucaristia, que renova a entrega do Senhor dando sua vida e derramando o próprio sangue pela redenção dos outros e sendo coerente com o que se celebra: Jesus e o ser humano; graça e dor; fé e justiça; doze anos sendo cúmplice de muitas mortes e ser um autêntico seguidor de Jesus; o Cordeiro que se oferece e a vida do próximo; Jesus pão da vida e o pão roubado dos outros (DUSSEL, p. 236-249).

Las Casas disse:

Mais vale a liberdade e a saúde corporal dos infiéis do que fazer deles, cristãos cativos e destinados à morte... agora os índios têm mais a forma de mortos pintados do que de homens vivos (GUTTIÉRREZ, p. 44-46).

A partir de então, o frei Bartolomeu se dedicou pelo resto de sua vida, para viver com decisão o que o tinha levado a deixar de ser dono de terras, que era e se dedicar à defesa dos direitos da população local. Esse texto e aquela Eucaristia, tinha dado um novo rumo à sua vida. Doravante, para ele, o pão eucarístico era o pão da vida, a vida concreta das pessoas oprimidas pela fome, pela injustiça, pela doença e por tantas mortes. Tinha entendido que a Eucaristia não é idolatria, não era sacrificar diante do ídolo da ganância, o sangue daquelas pessoas, coisa que antes não o questionava. Eucaristia é pão e pão é vida, sobretudo para as pessoas que sofrem com a dor da escravidão e roubar o pão que lhes pertence, significa a morte, como dizia o texto do Eclesiástico. Por acaso, pode ser oferecido como pão eucarístico, o fruto

roubado dos pobres, a setores de pessoas sem qualquer seguro ou a nações sem desenvolvimento, onde estruturalmente se despoja ao trabalhador? Não se mancha todo o pão e impede que se tenha um pão de justiça que possa ser oferecido a Deus?

4. RITUALISMO, FUNDAMENTALISMO: UM MUNDO SEM DEUS?

Eram os tempos da Reforma com o Protestantismo. A Igreja Católica se aferrava como único meio de salvação e a doutrina do tempo que justificava essa maneira de pensar e agir. São Francisco Xavier foi para o oriente com essa mentalidade de salvar almas para Deus; Roberto Belarmino falava da Igreja como a sociedade perfeita. A forma de chegar às pessoas era como à defensiva e seu estilo era apologético. Na missão tudo se reduzia à exposição e aprendizado da doutrina. Era preciso distinguir o primário do secundário: o evangelho do cultural. Com essa mentalidade se evangelizava, quando acontece que o mundo ocidental encontra novas terras na América.

Por vários séculos e antes do Concílio Vaticano II (1962-1965), o rito da Eucaristia permaneceu no mesmo formato. Foi estabelecido pela autoridade eclesiástica: leituras, gestos apropriados, rubricas, vestimentas, palavras, festas, música, arte, clero, eleição de bispos, etc. A missa levava pouco em conta à vida concreta e às situações que viviam as pessoas, parecia que a celebração acontecia fora da história. As discussões teológicas e litúrgicas tinham-se centrado nas palavras rituais, gestos e condições do celebrante, deixando de lado como encarnar a Ceia do Senhor na vida quotidiana. Nada poderia ser mudado (SCHUSSLER, p. 152).

O papel que Jesus desempenha na celebração tinha ficado do significado original. A divisão entre pão e vinho, corpo e alma, religioso e social, como entidades separadas, trouxeram tremendas repercussões. O sentido original é a unidade, onde um sem o outro não é possível. A liturgia deveria refletir o pluralismo das várias situações no mundo, a encarnação real no tempo e no espaço (AVILA, p. 66).

Alguém pode se perguntar por que essa mudança dos tempos iniciais para aqueles que se viram no século 16 ou posteriormente. Ao tentar entender as mudanças positivas ou negativas na religião, Gustavo Bueno nos diz o seguinte:

Com o passar dos séculos, ao longo dos quais as sociedades humanas vão incrementando, ainda que lentamente, sua demografia, mas, sobretudo, vão se estruturando como sociedades urbanas (políticas), o “jogo dos fatores” da civilização, deslocará aos fatores religiosos do lugar central que lhes correspondeu em etapas anteriores. Contudo, não tanto porque as novas formas de religiosidade perdem peso no processo de gravitação evolutiva, mas porque esse peso relativo será compartilhado pelo peso de outros fatores que têm se diferenciando, como os tecnológicos ou políticos a serviço dos quais começarão a dispor de muitos dos fatores religiosos herdados, experimentando por sua vez, as transformações correspondentes....

O mundo continua seu caminho, seu desenvolvimento e tomando isso como referência, poderíamos nos perguntar as consequências de acontecimentos da história antiga, por exemplo, o decreto do rei Dario: “A todos os povos, tribos e línguas que habitam o Terra inteira ... Ordeno e mando: que em meu império todos respeitem e temam ao Deus de Daniel. Ele é o Deus vivo que sempre permanece. Seu reino não será destruído, seu império dura até o fim (Dn 6,26-27). E do mesmo modo, outros imperadores como Constantino e reis como os Reis Católicos, ao longo do tempo, quando decidiram que seus súditos teriam as mesmas crenças que vinham da autoridade. Quais foram suas consequências?

A Igreja Católica sem dúvida ofereceu, mediante planejamentos e programas pertinentes, o único mapa-múndi disponível, e sem o qual a “evolução humana” teria parado ou se desenvolvido em diferentes direções. Diante dessa evolução, alguns racionalistas pensam que a era das religiões já pode ser considerada como morta, como uma época passada na história do gênero humano, esperando que a ciência e a tecnologia tomem as rédeas da humanidade. Outros pensam que os Direitos Humanos devem substituir os artigos de fé e que a solidariedade humana e a filantropia devem substituir a caridade cristã. Diante disso que estamos vendo

no desenvolvimento do mundo, “não compartilhamos de forma alguma a suposição de que as ciências positivas e as tecnologias tenham controlado as chaves do universo e da sociedade. Este fundamentalismo científico, nada mais é do que a ideologia própria de determinadas comunidades científicas ou grupos” (BUENO).

De que maneira o fundamentalismo tem influenciado o curso da religião e da história? Por fundamentalismo entendemos o fenômeno que pretende absolutizar a verdade, a religião, a cultura, etc., querendo se impor, ainda que pela força, como único e universalmente válido (TAMAYO, p. 17). A palavra fundamentalismo nasceu como em um ambiente religioso muito concreto: o protestantismo nos Estados Unidos no início do século XX, com a finalidade de defender os pontos “fundamentais” da fé cristã ameaçados pelo liberalismo (TAMAYO, p. 75). De lá para cá, a história é rica em exemplos de dirigentes políticos que impuseram ditaduras aplicando seus critérios pessoais como norma geral.

O teólogo D. Bonhoeffer escreve: nos encaminhamos para uma época totalmente irreligiosa. Os homens, tal como são agora, não podem seguir sendo religiosos. Inclusive aqueles que sinceramente se qualificam de religiosos, já não praticam mais sua religião. Em outras palavras, caminhamos para um mundo adulto e maior de idade, que já não vai precisar mais da hipótese de Deus para explicar o mundo. Que sentido terá a vida cristã, a oração e a liturgia em um mundo não religioso? Tem que viver no mundo como se Deus não existisse. Ser cristão não significa ser religioso de certa maneira, mas ser homem, o homem que Cristo cria em nós (TAMAYO p. 26-29).

O secularismo insiste que a religião deixe de ocupar o centro e passe para a periferia, abandone as posições da cabeça e se coloque na fila ou às margens. O lugar de honra foi preenchido pela ciência e economia. A ciência se converteu numa espécie de absoluto que desfruta dos atributos das deidades. O seu propósito é dominar o mundo no desejo de conquistar, não se contenta em se apropriar da natureza convertendo-a em instrumento para os seus fins, mas procura dominar aos seres humanos, que deixam de ser fim para

se tornar meios. A razão se submete à ciência, assim, o sujeito da economia não é mais a pessoa, mas o capital que domina os sujeitos humanos, passando a ser a nova religião de todos os dias. O principal motor é o lucro e a meta última é a riqueza, a religião de mercado diante da qual são sacrificadas vidas humanas.

Não é possível se apoiar com esses fundamentos para deduzir deles o futuro da influência das religiões na evolução humana. Também não podemos pensar que a ciência ou a economia podem lidar o destino da humanidade, que é considerada por outros como um claro fundamentalismo científico, fruto de algumas comunidades ou grupos, propondo a substituição das estruturas religiosas por estruturas técnico-científicas (TAMAYO, p. 30).

Atualmente, o último reduto da religião é a família, a qual o fundamentalismo e o secularismo seguirão a atacar, pondo à própria autoconsciência como juiz supremo da conduta humana, sem buscar ser retificada por nenhuma instância. Há um século, o filósofo Nietzsche falava da morte de Deus, o que hoje muitos confirmam dizendo que Deus morreu no cosmos, na história, na nossa existência (TAMAYO, p. 30-32).

Por outro lado, não devemos ter medo de “purificar” a religião. Por exemplo, o mundo é uma realidade criada, sem caráter sagrado, nem são deuses a lua, o sol, as estrelas como eram em outras religiões. O Deus criador não se confunde com a criação nem se dilui nela ... mas mantém sua independência, autonomia e transcendência. A mesma Bíblia estabelece as bases para distinguir o transcendente do criado. Portanto, o que não muda é o que diz respeito à essência de Deus, tudo o demais pode se adaptar à mudança e à sua e constante evolução. Deus assume o mundo como outro, distinto dele, não como prolongação divina (TAMAYO, p. 35-36).

Hoje, três quartas partes da população mundial segue alguma religião. Eles sabem que a racionalidade técnico-científica não atinge nem preenche a profundidade da pessoa. Há um despertar para uma espiritualidade que lhe dê sentido à vida e a constante produção de bens que são criados para diversas finalidades e apli-

cados como substitutos da felicidade. Há quem retorna à religião para se proteger do vazio espiritual e da frieza com que os agrega a racionalidade técnico-científica, alheia às questões profundas do ser humano.

O fundamentalismo seguiu sua marcha e influenciou a religiosidade popular, que, embora parcialmente, ainda está viva como componente da identidade cultural. Infelizmente, as pessoas veem os sacramentos como ritos mágicos. Eles foram ensinados dessa maneira, a ver o divino sem relação com os eventos históricos. Como se a ação de Deus estivesse limitada a certos espaços “sagrados”, papéis, palavras ou grupos de pessoas. Além dos sacramentos, também a moral, a doutrina... são como duas esferas da pessoa. Por essa razão se desencontram dos problemas reais da vida e vice-versa, muitas pessoas não querem saber de religião porque parecem andar nas nuvens (Mc KENNA, p. 299).

Além disso, nos encontramos diante um dilema. Os grandes contrastes entre o que se vive no mundo e os valores da Eucaristia. A Eucaristia constrói comunidade enquanto o mundo vive no individualismo; a Eucaristia é universal enquanto o sistema é racista. A Eucaristia chama para o serviço e o mundo chama buscar o poder. A Eucaristia é pão compartilhado e as empresas transnacionais fazem do pão o seu negócio. A Eucaristia proclama uma só pátria e os poderosos compram e conquistam mais terras fechando as fronteiras. Os cristãos estão presentes em ambos os lados, ou seja, a Eucaristia e a exploração estão nas mãos dos próprios cristãos (BALASURIYA, p. 135-136).

5. PARA UMA LIBERTAÇÃO

Os fundamentalistas consideram responsável o Vaticano II pelo relaxamento dos costumes e pela perda de força da Igreja, onde a moralidade é denegrida, a disciplina não é cumprida, os dogmas são anulados, a consciência é absolutizada. Ele é acusado de se aproximar demasiado ao ateísmo e aos padres de levar uma vida secularizada ... o princípio da autoridade foi sufocado. A ética civil substituiu a ética religiosa, a identidade cristã foi confundida com a identidade humana e a teologia se dissolveu

em sociologia e antropologia. A liberdade de consciência leva à eliminação da moral (TAMAYO, p. 39).

A partir da década de 1970 na América Latina, a administração norte-americana viu com preocupação a crescente influência dos movimentos católicos que questionavam o tipo e a presença da sua política no continente. Através do relatório Rockefeller alertou desse perigo, especialmente contra as Comunidades de Base e a Teologia da Libertação (TAMAYO p. 80).

Embora o Concílio abra a perspectiva de mudança, o longo pontificado de João Paulo II, através do programa da nova evangelização desenhado pelo Card. Ratzinger e posto em prática por alguns movimentos como Opus Dei, Comunhão e Libertação, Neocatecumenais, Legionários de Cristo ..., desviaram a atenção de sacudir o fundamentalismo dentro da Igreja. G. Bachl atribui a responsabilidade pela morte de Deus às testemunhas oficiais que seguem empenhados em salvar a onipotência, a bondade e a justiça de Deus, sem atender à lógica da história (TAMAYO, p. 85).

H. Cox defende a recuperação da religião do povo com sua riqueza simbólica, cerimonial, lúdica e festiva como canal de libertação. A fé dos pobres não é só ópio, mas também grito. A religião às vezes é a única maneira de uma cultura derrotada de apresentar sua história e suas esperanças em tempos difíceis. A religião é um privilégio e inapagável, testemunho coletivo, através do qual se afirma a identidade e a dignidade de toda uma comunidade. É a etapa da Igreja verdadeira depois da Cristandade (TAMAYO, p. 65-72).

Apesar disso, na Igreja tem surgido sinais de esperança ao longo deste tempo, diante do Concílio, o Reino de Deus e a história humana tiveram uma reaproximação, como afirma o Papa Paulo VI na Carta Apostólica *Octogesima Adveniens*. Congar, o teólogo da Igreja, nos diz: A tradição é constitutiva para as pessoas individuais como coletivas, mas deve ser contextualizada no presente, valorizada na sua ambiguidade, analisada criticamente e assumida a partir da liberdade. Não se pode dar soluções às perguntas do presente com respostas do passado e menos ainda, entender o futuro como a soma ou repetição do passado. É ne-

cessária uma certa reformulação das crenças, conforme com as mudanças culturais.

Um caminho para a libertação é que, embora a tradição seja importante como o foi para Jesus a tradição judaica antiga, Ele superou o arcaico para dar a tudo um novo sentido de libertação e sem ressentimento aos símbolos do acontecimento mais importante do Judaísmo: a Páscoa. Dentro da estrutura da ceia pascal, Jesus tomou os símbolos tradicionais que não faltavam como o cordeiro, o pão e o vinho para identificá-los consigo mesmo, com a sua vida, com a sua morte e ressurreição. Compartilhando estes dons com os seus discípulos, ele se dá, mas ao mesmo tempo, incorpora aqueles que participam do alimento da ceia no seu projeto que se renova na vida e na história (SEASOLTZ, p. 519).

Um dos primeiros exemplos desta superação tradicional é que João em seu Evangelho não menciona a instituição da Eucaristia como os outros, mas menciona o lava-pés... “Façam isto... significa entrar em contato com a terra, com o sujo, com a posição da humildade, pouca dignidade e exclusão (SEASOLTZ, p. 522). Além do mais, João acrescenta o mandamento do amor do qual se seguem três condições: um sinal de união e de vida da comunidade; solidariedade com os mais necessitados; serviço aos irmãos/irmãs. Tudo isso é para os fiéis que se comprometem a formar uma sociedade mais justa e fraterna (CASTILLO, p. 169).

A mensagem de Jesus rompe as barreiras entre as classes sociais, entre Israel e as nações pagãs. Quer dizer, vai contra todo convênio religioso que pretende absolutizar seus privilégios acima dos demais. Desta maneira, Jesus lhes está dizendo aos discípulos que a Páscoa assume um novo significado de maior relevância: lutar pela libertação humana integral; é um símbolo da unidade dos participantes na mesma missão; a Páscoa é um sinal de libertação feito por Deus; é um sinal de seu sacrifício: morte e ressurreição; é a renovação da aliança; é uma oração e oferta; é o ponto de união da nova comunidade (fr. BALASURIYA, 16-22).

Jesus instituiu a Eucaristia numa refeição e como refeição fora do templo (Mc 14,14-15). É uma refeição compartilhada onde

todos comem do mesmo pão e do mesmo copo, é feito em casa, num ambiente de alegria e comunhão de bens. A ceia tem como contexto a práxis das refeições de Jesus com diferentes tipos de pessoas. Na mentalidade judaica significava solidariedade com os comensais e o ensinamento evangélico, que pede que seja posto em prática com os “rejeitados” deste mundo. O corpo que se entrega e o sangue que se derrama não é um ato de culto, mas a dura realidade da execução de um condenado à morte. A Eucaristia é sinal que expressa a entrega incondicional, o Servo sofredor que se solidariza com os sofredores deste mundo (CASTILLO, p. 166-167).

Jesus ressuscitado se apresenta no meio deles. Ele havia morrido e eles estavam envergonhados pela sua falta de valor de se identificarem como parte do grupo de Jesus, visto que tinham se dispersado (Mc 14,50). Agora Ele se apresenta para não ir embora mais. Eles recebem de novo a confiança apesar de suas limitações, mas Jesus confia neles. De certa forma, eles são recriados e isso os enche de alegria, uma alegria que ninguém pode tirar deles. Esse é o efeito da Eucaristia: recriar. Assim, Jesus cria uma comunidade onde as classes sociais são abolidas, porque não há mais judeu ou grego, homem ou mulher, escravo ou livre... porque comendo e bebendo de Jesus=pão e vinho, a comunidade se faz uma Nele (SEASOLTZ, p. 519).

CONCLUSÃO

Estamos em uma etapa da história que tudo muda rapidamente. Como missionários, não podemos ficar presos a uma teologia que não se atualiza permanecendo ancorados no passado. Nosso discurso deve responder ao que o ser humano de hoje precisa, sem perder a originalidade da mensagem de Jesus. O Papa Francisco assim o dá a entender quando ao falarmos de temas deste tempo. O retorno à pátria, do povo eleito, constituía parte da experiência pascal, com repercussões de cuidar daquela terra prometida, de cuidar do mundo, de cuidar do planeta (Encíclica *Laudato Si*).

No México e em muitos países, vivemos em um estado de morte, guerra, doença e sem sossego para sair de tanta corrupção.

O compromisso de Jesus vai pelo estabelecimento do Reino na linha de viver uma vida na justiça, na solidariedade, na construção de uma terra de fraternidade e de paz, “uma terra sem males”. Somos missionários do mundo e para o mundo. Precisamos fazer a proposta como parte desse anúncio esperançoso para nossos povos, que estão unidos à mesa do Cordeiro que se dá como Pão, como alimento.

Porém, devemos adotar uma atitude de prudência para evitar toda a generalização sem fundamento, sugerir em vez de afirmar com determinação, insinuar em vez de impor afirmações contundentes, oferecer pistas em vez de estabelecer seguranças e expor dúvidas em vez de proclamar certezas; a prudência pede que fuçamos daquele perigo tão humano e ao mesmo tempo, tão distorcido da realidade. A nossa única certeza firme é fazer chegar a proposta de Jesus aos tempos de hoje e que o nosso mundo acolha, em liberdade, o compromisso de construir “novos céus e uma nova terra”, que nos abrace a todos como irmãos e irmãs e possamos fazer do mundo uma só família, como o Pão que é doado e partilhado para o alimento da humanidade.

PARA REFLETIR

- De que maneira podemos apresentar Jesus como alimento que nutre as aspirações do ser humano?
- Que desafios nos apresenta um mundo que muda tão rápido?
- Como missionários e missionárias que somos, que fundamentalismos podemos detectar dentro de nós e de nossas comunidades?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVILA, Rafael. *Worship and Politics*. Maryknoll: Orbis, 1981.

BALASURIYA, Tissa. *The Eucharist and human liberation*. Maryknoll: Orbis, 1979.

BOFF, Leonardo. *Desde el lugar del pobre*. Madrid: Sal Terrae, 1981.

BUENO, Gustavo. La Religión en la Evolución Humana. Apartado III, punto 6. Disponível em: <<http://www.filosofia.org/aut/gbm/2001rel.htm>>. Acesso: 20/02/2021.

CASTILLO, José María. Fe y Justicia. Ed. Sígueme, 1981.

CONGAR, Y. M. La Tradición y las tradiciones. San Sebastián: Dinor, 1964.

COX, Harvey. La Seducción del Espíritu. Uso y abuso de la religión del pueblo. Sal Terrae, Santander, 1979.

DUSSEL, Enrique. El Pan de la Celebración, signo comunitario de justicia. Concilium 172, 1982.

ECHEGARAY, Hugo. La práctica de Jesús. Lima: CEP, 1981.

ERASMO DE RÓTERDAM. La lucha contra la disciplina y las instituciones. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Erasmus_de_R%C3%B3terdam>. Acesso: 20/02/2021.

GUTIÉRREZ, Gustavo. Dios o el Oro en las Indias. Lima: Instituto Bartolomé de las Casas - Rímac: Centro de Estudios y Publicaciones, 1989.

HELLWIG, Monica. The Eucharist and Human Liberation. New York, 1976.

MAHONY, Roger. Eucharist and Social Justice. Worship, January 1983

MC KENNA, John. Liturgy: Towards Liberation and Oppression. Worship 56, July 1982.

SCHUSSLER, Fiorenza. Compartir la Mesa y Celebrar la Eucaristía. Concilium 172, 1982.

SEASOLTZ, Kevin. Justice and Eucharist. Worship 58, November 1984.

SEPÚLVEDA – LAS CASAS. El debate que paralizó la conquista. Disponível em: <https://www.teinteresa.es/cultura/Sepulveda-Las-Casas-debate-paralizo-conquista_0_1185483250.html>. Acesso: 02/02/2021.

TAMAYO, Juan José. Fundamentalismos y Diálogos entre Religiones. Madrid: Ed. Trotta, 2004.